

Nesse primeiro número da *DIAPHONÍA* em 2022, a Revista entrevista o Professor Doutor Luciano Carlos Utteich do Colegiado de Filosofia da UNIOESTE. O periódico, desde já, agradece o aceite do convite pela participação especial nessa edição.

D [*DIAPHONÍA*]

LCU [Luciano Carlos Utteich]

D – O professor poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela Filosofia?

LCU – Em primeiro lugar, gostaria de agradecer pelo convite. A revista *Diaphonía* vem obtendo o merecido destaque na comunidade acadêmica e nesse sentido parabeno a todos os envolvidos (alunas e alunos petianos e ao coordenador, Prof. Claudinei) por conduzi-la. Posso começar descrevendo a transferência de minha cidade natal, Tapera (no Rio Grande do Sul), para cursar a faculdade de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Minha opção por essa faculdade definiu-se nos dois últimos anos do ensino médio, pois identificava-me com o que era tratado nas aulas de Filosofia: o debate sobre os vários temas e a convocação feita para que fôssemos seres dialógicos, pensantes e buscássemos a visão ampliada de questões fundamentais como a verdade, a legitimidade, a racionalidade e a pluralidade dos modos de considerar cada tentativa de resposta, a indicar que a impossibilidade de fechamento do debate era o motivador da procura mesma. Creio que foi essa “virtude” da atividade e do modo de operar filosófico que me cativou. Antes de ingressar na faculdade de Filosofia eu cultivava um estudo apurado da Filosofia ou Pensamento Oriental, motivado pelos anos de prática de artes marciais; até o final do primeiro ano do curso de Filosofia na UFSM consegui manter ainda esse estudo e essa prática. Então a abandonei; mas considero esse abandono como um ir-além: se é certo que em relação ao físico o condicionamento mental vem essencialmente em primeiro lugar, sendo o desempenho atlético físico um reflexo desse preparo, então a Filosofia, que lida com o domínio mental (ideias, pensamentos em sua relação com a sensibilidade e os afetos), tratava diretamente do ponto. Minha decisão foi me conduzir a esse domínio. Após o período natural de descobertas na Graduação (de 1992-1997), foi sendo fixado meu interesse em aprofundar o período da filosofia moderna, principalmente sobre a ‘novidade’ presente no pensamento de Kant em relação ao período anterior (pré-kantiano). Passei o ano seguinte inteiro em preparo, estudando as principais obras de Kant para elaborar, ao final, o projeto de mestrado, desenvolvido nos anos 1999-2002.

D – Acerca, agora, de sua trajetória de pesquisa iniciada com a obra de Kant, entre outros autores. Quais as motivações que o levaram trabalhar tais fontes no contexto mais amplo do Idealismo Alemão?

LCU – Durante meu mestrado em Filosofia, nos anos 1999-2002, sobre Kant (cujo resultado foi a dissertação: *O papel da faculdade da imaginação transcendental no sistema crítico de Kant*), sob a supervisão do Prof. Christian Viktor Hamm, eu vinha abrindo o leque de estudos para acompanhar as consequências do pensamento kantiano pelos pensadores ligeiramente posteriores. Outro professor contribuiu para essa abertura: o Prof. Stefan Bulawski, que era docente do curso de Filosofia da UFSM e havia adotado o Brasil nos anos 60. Ele era polonês. Ao início ele devia se tornar o orientador de meu mestrado. Diante da questão inicial da minha pesquisa (o conceito de “apercepção transcendental”) na *Crítica da razão pura* de Kant, o Prof. Bulawski me apresentou a equivalência deste conceito kantiano nos pensadores posteriores (Fichte, Hegel e outros), expandindo o horizonte para a leitura desses autores. Era costume, antes do início das conversas de orientação, ele abrir um jornal em polonês (do qual era assinante e recebia quinzenalmente) e mostrar-me o setor dos livros lançados na Polônia: em particular apontava para os livros sobre os três principais autores do idealismo alemão, Fichte, Schelling e Hegel, acentuando o quanto eram atuais nos debates filosóficos na Polônia. O Prof. Bulawski havia também tido por professor supervisor, na Polônia, um pensador que tornara popular lá os autores do Idealismo alemão, o Prof. Marek J. Siemek. Além de diversos artigos e publicações, o Prof. Siemek escreveu e publicou em alemão o livro *Die Idee des Transzendentalismus bei Fichte und Kant*, que, posteriormente, tornar-se-ia fonte de minhas pesquisas. Nesse período, antes ainda da defesa do mestrado, iniciei então meu estudo dos textos de Fichte. Entretanto, não inclui nada desse estudo na dissertação, pois a pesquisa sobre Kant era o foco e tinha de manter o texto dissertativo dentro das requeridas proporções. Com a finalização e defesa, segui para continuar a pesquisa sobre o pensamento de Fichte na PUCRS, em Porto Alegre, sob a orientação do Prof. Eduardo Luft. Naquele mesmo intervalo em que me preparei estudando as obras de Kant iniciei também o estudo do idioma alemão, visando usar bibliografia nesse idioma e realizar o estágio-sandwich na Alemanha. O doutoramento se deu entre os anos 2003-2007; em março de 2006 fui a Tübingen, por 8 meses, para o sandwich sob a supervisão do Prof. Manfred Frank; lá frequentei as aulas no Seminário de Filosofia e as bibliotecas da Eberhard Karls Universität. Estão aí as motivações para as pesquisas que me levaram para além de Kant, desde os estímulos do Prof. Bulawski e seu contato com a atualidade desses autores na produção filosófica polonesa.

D – O senhor tem realizado algumas experiências de intercâmbio com a Europa (em particular, com a Alemanha, via estágio pós-doutoral, e Portugal), além de visitas técnicas no circuito latinoamericano. Como avalia essa experiência

acadêmica e no que ela, muito especialmente, tem agregado nos projetos acadêmicos até o momento, em particular, na pós-graduação em que atua?

LCU – A experiência de intercâmbio foi uma consequência natural das pesquisas realizadas no período de minha formação. A partir da participação em eventos internacionais de Filosofia no Brasil tomei contato com pesquisadores estrangeiros. Fiz contato com o Prof. Diogo Ferrer (do curso de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal) no V Congresso Internacional da Sociedade Hegel Brasileira, em 2009, em Fortaleza (CE). O Prof. Diogo havia feito, para o português de Portugal, a tradução da primeira Doutrina da Ciência (*Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*, 1794) de Fichte, publicada pelas Edições Colibri (1997) – aproveito e menciono aqui que a tradução desse texto, por ele revista e revisada, saiu no Brasil no ano passado (2021) pela Editora Vozes. Visto que pesquisávamos temas afins, estreitei relações com ele desde aquele momento. Elaboramos um trabalho colaborativo de publicação entre os departamentos de Filosofia da Unioeste e de Filosofia da FLUC, vindo a lançar o livro “A Filosofia transcendental e a sua crítica. Idealismo, Fenomenologia e Hermenêutica”, lançado em 2015 pela Editora da Universidade de Coimbra. Participei ministrando palestras no curso de Filosofia da FLUC, em Coimbra, nos 2012, 2014, onde apresentei resultados parciais da minha pesquisa de doutorado. Estive novamente em Coimbra em 2016 para participar do encontro internacional da Rede Ibérica de Estud(i)os Fichteanos, realizado pelo Prof. Diogo; ali conheci então outros pesquisadores afins da América Latina (Argentina, Colômbia, Chile) e da Espanha, da Itália, da França e Alemanha. Todas as palestras foram publicadas em 2019 no livro: “A Filosofia da História e da Cultura em Fichte”. Evidenciou-se, então, que o autor em torno do qual a comunidade acadêmica havia se reunido estava sendo já devidamente contemplado e reconhecido. Mais recentemente contribuí para fazer surgir o GT-Fichte (Grupo de Trabalhos) na ANPOF, cuja primeira atuação foi a XX edição da ANPOF em Goiânia (GO), esse ano (2022); sou o atual coordenador do GT-Dialética, inicialmente sediado na PUCRS, e que teve como membros fundadores o Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima e o Prof. Dr. Jayme Paviani, em 1996. Dando continuação, em outro congresso internacional vim a conhecer o professor que se tornaria o supervisor do meu estágio pós-doc., realizado na cidade de Duisburg (Alemanha). Foi o Congresso da ALEF (Associação Latino-Americana de Estudos sobre Fichte), um braço sul-americano da Internationale Johann Gottlieb Fichte-Gesellschaft, ocorrido em Goiânia (GO), no qual conheci o Prof. Helmut Girndt. O Prof. Girndt havia realizado seu doutoramento sob a supervisão de um dos principais estudiosos de Fichte na Alemanha, o Prof. Reinhard Lauth (1919-2007). Fui para meu estágio pós-doutoral em outubro de 2013 (tendo lá permanecido até a outubro de 2014) na Universität Duisburg-Essen. O objetivo desse estágio foi aprofundar o estudo sobre um texto

posterior de Fichte, conhecido como as Preleções de Berlim, fruto de sua ida a Berlim após a acusação de Ateísmo em Jena. Essas preleções foram publicadas com o título *A Doutrina da Ciência de 1804* (Segunda Exposição) (Die Wissenschaftslehre. Zweiter Vortrag im 1804) (há dela traduções ao espanhol, francês e inglês, mas não ainda ao português). Uma das linhas de trabalho em minhas publicações se refere à continuação da extração dos resultados dessa pesquisa do ano 2013-2014. Resulta como lado positivo desse tipo de aprofundamento que os seus resultados são inúmeros e contínuos: novas frentes são abertas que ampliam a investigação e, principalmente, ampliam a *network*. Parte dessas descobertas eu fui expor no evento II Jornadas de Discussión sobre Idealismo: Teoría y Práctica, na UBA, em julho de 2018, promovido pelos pesquisadores da RAGIF (Red Argentina de Grupos de Investigación en Filosofía). Integrei-me às atividades desenvolvidas frequentemente por eles, sendo a mais recente o Congresso Latino-Americano intitulado: “Fichte en las Américas”, em 2021, que congregou pesquisadores das Américas do Sul, Central e do Norte, sob o mesmo mote: relacionar a reflexão filosófica do pensador Fichte com respectivos autores das três Américas. Na minha contribuição apresentei vínculos entre a concepção de história em António Vieira e Fichte no tema: *A atualidade da Doutrina da Ciência de Fichte e a ucronia da História do Futuro em António Vieira* (no prelo). O interessante nesta aproximação é a triangulação: Luís de Camões, Fichte e P. António Vieira. Fichte aprendeu o idioma português e dele verteu ao alemão algumas partes do Canto 3 (as estâncias 119-135) de *Os Lusíadas*, que trata do “Episódio de Inês de Castro”, a rainha que foi coroada depois de morta. Ele publicou esses excertos em 1810 em Berlim, na revista Pantheon (Periódico para Ciência e Arte). Enquanto Camões é o primeiro a mostrar exuberância no uso da língua portuguesa, como sucessor temos o P. António Viera, o segundo gênio no uso da língua. Em contraste, Fichte é um dos primeiros autores obcecados pelo “furor sistemático”, isto é, com a exposição conceitual clara e acessível – notoriamente alcançada por António Viera. E Fichte demonstra para isso sua habilidade ímpar. Voltando ao ponto: após a inserção em agremiações de pesquisadores que partilham do mesmo interesse, vem a resposta sobre a questão acima: para ser sempre essa a tarefa – levar tais conteúdos à sala de aula na pós-graduação (mais facilmente) e, se possível, em doses menores, à da graduação. Mas, também, para que sirva de estímulo aos próprios alunos pesquisadores a fim de sigam os seus rumos no mestrado e doutorado/pós-doutorado: construam um itinerário de pesquisa que venha favorecer o intercâmbio e a ampliação da *network*, como já temos vários exemplos bem-sucedidos no nosso programa (PPGFIL). Esse é o círculo virtuoso a promover, visando resgatar textos filosóficos inéditos na área e pô-los na ordem do dia para tornar os debates arejados e renovados.

D – Quais outros projetos teóricos futuros o professor tem em vista?

LCU – Atualmente esses projetos estão restritos aos trabalhos de tradução de textos inéditos em nosso idioma, textos de autores que, embora relevantes na interlocução com Kant, Fichte, Schelling, permanecem para nós inacessíveis a um debate mais amplo devido à barreira da língua. Há muito debate ocorrido naquele período do qual podemos ainda hoje nos beneficiar, bastando para isso atualizá-lo. Sabemos que essa antecipação encontra muitos temas atuais como seus afiliados. Não podemos nos enganar a esse respeito. Grande parte da tarefa da reflexão é reciclar: é descobrir o novo naquilo que já existia há muito tempo e permaneceu encoberto e soterrado. Dificilmente se poderão obter ideias novas de modo radical, sem que elas tenham um assento num certo uso, numa certa disposição enraizada num começo. A isso que se acostumou atribuir como perdido e sem certidão de nascimento no tempo não basta justificar a omissão de investigação pelo fato de pertencer ao passado imemorial; essa atribuição vale apenas para aqueles que negam se aventurar para ir buscar esses conteúdos de inteiro interesse humano. Não há lugar para a passividade na Filosofia como tarefa, seja teórica, seja prática.

D – O professor também acaba de transferir a tutoria do Grupo PET/Filosofia; gestão essa assumida ao longo de um triênio de planejamento e atividades. Que significado histórico-pessoal e acadêmico essa vivência lhe proporcionou?

LCU – A experiência de conduzir o Grupo PETFIL foi almejada durante um bom tempo; para ser preciso, desde minha chegada à instituição (Unioeste), em 2008. Eu acompanhava de longe as atividades internamente realizadas e o trabalho do professor-tutor. Na instituição em que me graduei (UFSM) não havia essa modalidade de trabalho. Mas os grupos de estudos sempre foram fundamentais em minha formação, pois há livros de Filosofia que o indivíduo não deve “impor-se” a si mesmo, nem como castigo, na tarefa de decifrá-los. No fundo, assim como a quase maioria dos textos filosóficos propõe uma (ou mais) questão (ões) perante uma avaliação racional aberta (pública), também os leitores devem se beneficiar dessa amplitude em sua apropriação individual pelo debate aberto e coletivo. Essa intuição busquei transferir ao grupo de alunos petianos no triênio (2019-2021) em que conduzi o PETFIL. Tínhamos ali os 10 eixos-temáticos a seguir, como parte do regulamento nacional. Certamente cada um desses eixos possibilita um tipo de incremento na formação dos alunos. No entanto, na minha gestão os eixos dos estudos (de textos filosóficos, na inserção de assuntos e autores novos) ganharam sempre o maior destaque, para além de que qualquer atuação instrumental. Creio que a tônica desse grupo é por aí: propiciar aos alunos a que alcancem um grau de excelência na categoria de pesquisadores. Assim, à parte de todo apoio que os alunos fornecem ao curso de Filosofia, pela infraestrutura condicionada para que os eventos no curso ganhem fluência e concretude, para mim o grupo tinha pelo

espelhamento de sua própria circunspecção e aprofundamento teórico: pela ampliação dos recursos de apropriação conceitual e temática das questões filosóficas. Aqui recorde-se: em meu triênio tive de lidar com o período pandêmico; após um primeiro ano (2019) intensamente ativo, o ano seguinte (2020) foi de adaptação da nova realidade; certamente tivemos novas questões e novos aprendizados (imersão em novos recursos digitais, encontros remotos, etc.), mas a ausência do nosso público – os alunos da Graduação e o andamento dos eventos no curso de Filosofia – tornou nossas atividades bastante autocentradas, o que não caracteriza a essência do grupo PET. As atividades inicialmente planejadas precisaram ser adaptadas e ajustadas. Conseguimos, ao final, concluir o planejamento trienal, mas a experiência do período pandêmico trouxe questões que transcenderam a atuação do grupo. Aprender a conviver com a realidade pandêmica foi, entre todas, uma lição inusitada. Creio, do ponto de vista pessoal, que esse momento foi verdadeiramente importante: o diálogo constante do grupo PETFIL com a comunidade acadêmica do curso requereu uma atenção para a constante mediação; isso auxiliou-me a desenvolver a habilidade ativa de comunicação, no acolhimento, na maturação e resposta às demandas vindas dos dois lados, dos alunos petianos e do Colegiado da Graduação. Apenas alguns meses após o retorno dos encontros presenciais do Grupo PETFIL, ainda sem o retorno efetivo do curso de Graduação, chegou o momento de passar o bastão à nova tutora, a Profa. Dra. Nelsi Kistemacher Welter. E, no processo de transição, disponibilizei-me a participar para a Prof. Nelsi todas as tarefas realizadas e os temas programados, em esboço, para serem continuados na gestão seguinte.

17

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

LCU – Avalio essa questão como decisiva diante do rumo que toma o nosso país. O que as autoridades públicas e políticas devem primar, acima de tudo, é a formação sempre mais adequada e completa do estudantado. Não é suficiente admitir que isso está sendo realizado. Há que constatar que a disciplina de Filosofia vem sofrendo no ensino médio uma enorme restrição de sua importância, devido, obviamente, à redução do número obrigatório de horas-aula no planejamento curricular. O bom uso (o correto uso) do pensamento não se faz sob o pressuposto de que ele ocorrerá sem o devido envolvimento e as devidas horas de aprofundamento; o seu contrário é a crença no “pensamento mágico”, que ocorre em pouco período e de modo “intensivo”. Após minha imersão em temas da educação, durante minha formação, constato algo que ainda permanece sob desconfiança na sociedade e, por extensão, na administração política. A projeção de que não deve haver, verdadeiramente, segurança nenhuma na iniciativa de buscar produzir o acesso às leis do pensamento e às leis da subjetividade. Uma das lições que a tradição do pensamento alemão legou trata justamente disso: ao

pensamento humano não equivale nem corresponde uma ‘sala escura’, na qual não pudessem ser encontradas leis definidas (note-se: não disse leis “definitivas”) e de que não pode haver, por isso, modo de nos orientar, restando viver a tatear, sem chance de clarão e iluminação sobre seus mecanismos e componentes orgânicos. Pelo contrário, essas leis podem ser todas acompanhadas, estudadas, apropriadas, motivo pelo qual a intimidade com o ‘cérebro’ virá necessariamente desse estudo e da proximidade a tais leis, e não da sua recusa e do apelo ao pensamento mágico. Entender que essa dimensão do pensamento é uma dimensão real (e não apenas ideal) amplia a compreensão sobre a necessidade de construir uma pavimentação para a troca e o intercâmbio. A comunicação é o move; enquanto as políticas da educação (nacionais, estaduais e municipais) não primam por fomentar esse palco comum, estão a trabalhar contra o avanço da compreensão e facilitam com que os institutos de ensino e seus receptores se trumbiquem, acabando com sua verdadeira razão social.

D – Qual a sua perspectiva para a Filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente em meio a tantos ataques na seara, como um todo, das Humanidades?

LCU – A Filosofia medrou, historicamente entre os gregos, já envolta numa aura de que trazia uma subversão diante do rumo político e cultural daquela nação. Mas esse quesito ‘subversivo’ precisa, certamente, ser sempre adequadamente qualificado: não se trata do trabalho de ‘ser do contra’, mas de ser uma atividade cujo resultado precisa envolver o máximo do coletivo, da reflexão coletiva, pois é uma atividade cujo fim último é a cidade (pólis); todos os bens que só são possíveis de serem obtidos a partir da vida em conjunto diferem, nesse sentido, de todos aqueles outros que são individualmente apropriados por um regime sem lei nem regra alguma de convivência. Na medida em que o convite da Filosofia é para que voltemos a atenção a esse horizonte das questões - questões que importam para a vida em comunidade -, não vejo em que sentido o caráter ‘subversivo’ da atividade filosófica não se converta em elemento positivo para a mesma cidade ou país. Portanto, ela é uma atividade que não deve ser trancafiada (como a um animal, a um pássaro, crendo que ele entoará por isso o seu melhor canto). É o país que deve aprender cada vez mais a se servir e se beneficiar dela. Vem aí a importância do tema: a quem não despertou, sejam os atores políticos, seja a comunidade, para a função importante que a nossa área tem a desempenhar em nosso meio, parece que há muito o que fazer. É importante que as lideranças (eleitas pelo voto democrático) comecem por dar seu depoimento sobre esse esclarecimento: em nosso país é imensa a contribuição que a Filosofia pode trazer. Unicamente o desenvolvimento das potencialidades humanas garantirá com que o progresso e o amadurecimento humano – principalmente político-afetivo – tire parte da sociedade de sua ociosidade do pensamento (em favor de uma correspondente adoção de ‘atalhos’, de natureza político-partidária ou fideísta-religiosa). Essa

ociosidade de pensamento é o pior dos males e um disfarce totalmente contraproducente. Não há irrealismo nisso: a idade adulta impele a que caminhemos sobre os próprios pés e que assumamos as consequências de cada escolha. Não há mais desculpas para o uso de ‘bengalas’ mentais. O conhecimento está aí todo ele disponível, exigindo de nós a ação do crivo, do crivo individual. Um país só se constrói pela ampliação das consciências que o constituem. O pensamento é livre e impulsiona à liberdade; mas isso precisa ser cultivado, pois não se nasce pronto. Ao contrário, é contínuo o burilar, havendo muita disciplina e concentração na lida com o pensamento. Nesse contexto ponderamos: se para a Filosofia o natural é a clareza de pensamento conceitual, já que ela descobriu há tempos que o diálogo é o caminho para o equilíbrio, a ela é também antinatural a confusão mental, o embaralho dos afetos/emoções e a ausência de direção do pensamento (a ociosidade). Por isso não são gratuitas a disciplina e a concentração por ela exigidas. Avalio como sendo até agora subavaliado o resultado por ela alcançado e disponibilizado ao todo da sociedade. É preciso que se entenda que a Filosofia é esse lugar do pensamento e que, por isso, que ela seja cultivada e preservada sob pena de não haver mais qualquer lugar público e coletivo. Os desafios que a área tem pela frente, diante dos ataques que vem recebendo, têm de ser encarados sob a forma de resistência contra quem advoga causas em favor do obscurecimento e de sentimentos sombrios. O pensamento ocioso – sem préstimo algum para a vida em comum – não deve tirar o espaço daquele que é de interesse para todos; a defesa de uma natureza ‘monológica’ da comunicação é falsa. Isto diz só do interesse de manipular as consciências e dar ao ser humano um funcionamento instrumental, de massa de manobra. Creio na possibilidade e na efetividade de uma massa crítica, de um senso comum crítico. A sociedade não se resume em ser produtora de bens de consumo; cada indivíduo é ainda um insumidor, um produtor dos bens impalpáveis da cultura, de produtos que não abastecem meramente os sentidos, mas principalmente as consciências. Os cursos de Filosofia em todo nosso país já trazem, certamente, essa diretriz; agora o poder público deve atuar e tirar proveito disso. Nossa atividade tem de ser vista pelo Ministério da Educação com uma atenção particular, principalmente diante da recente mudança de governo. É enorme a oportunidade de preencher as lacunas, reimplementar as estratégias de atuação de nossa atividade, mais intensivamente, em todas as escolas do país e retomar a vocação que grassa em nós de sermos um país que não aceita desatrelar a dimensão afetiva da dimensão reflexiva do pensamento. Mas, para isso, a disciplina de Filosofia deve permanecer assumindo a tarefa de elaborar estratégias para chegar a todos os rincões. Ela deve se deixar conhecer e se tornar conhecida para afastar, efetivamente, os fantasmas da ociosidade e do descrédito sobre a atividade do pensamento, que têm insistido em apagar a claridade das coisas. É para isso que ela veio e chegou, desde os primeiros

tempos, no mundo grego. E por isso ela continua existindo, de modo muito valorizado e bem cotado, nos países considerados os mais avançados do mundo.